

Apresentação

“Natureza e modernidade” – o tema do *dossiê* do presente número dos *Cadernos Benjaminianos* parece falar de algo contraditório, uma vez que o surgimento da modernidade costuma ser associado à superação, emancipação e ao domínio do homem da natureza, pelo menos na acepção iluminista do termo. No entanto, os textos aqui presentes mostram que a ideia de uma natureza subjugada – ou simplesmente ausente, como no caso do meio urbano, muitas vezes identificado à modernidade – não se aplica à literatura e à cultura moderna. Como já ficou evidente em Schiller, o corte do cordão umbilical que ligava o homem à “mãe natureza” não levou simplesmente a uma libertação do homem das dependências naturais, mas também à postura “sentimental” de uma perda – à melancolia, diria Benjamin. A natureza, portanto, continua presente em sua ausência, ela continua latente na modernidade – quando não se vinga das pretensões de uma razão vencedora, para lembrar uma das ideias centrais de Georg Simmel.

Os artigos seguintes falam dessa vingança da natureza na modernidade, deixando claro que o homem não reprime a natureza impunemente, muito menos a própria natureza, como ressaltou também Freud em suas reflexões sobre as neuroses. O retorno ao paraíso está barrado, “precisamos dar a volta ao mundo”, como disse Heinrich von Kleist em seu paradigmático ensaio “Sobre o teatro de marionetes”; precisamos “ver se não há talvez, do outro lado, uma abertura em algum lugar.”¹ A maioria dos artistas e escritores tratados nos seguintes trabalhos aderiram à proposta de Kleist, uma vez que se recusaram à ideologia do progresso propagada pelo modernismo iluminista. Diferente de projetar uma meta para uma história em permanente progresso, cada um propõe sua maneira de dar a volta ao mundo.

Georg Otte (organizador)

¹ Heinrich von Kleist. “Sobre o teatro de marionetes”. Trad. Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1997. p. 25.